

NOTÍCIA 1

Produção de lixo por habitante aumenta no Brasil

Segundo a Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente, a Região Sudeste é a maior geradora de resíduos do país e também tem a maior produção por habitante. O Sul, a menor.

Por Jornal Nacional, 10/12/2024 21h44

FONTE: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/12/10/producao-de-lixo-por-habitante-aumenta-no-brasil.ghhtml>

[globo.com](#) [g1](#) [ge](#) [gshow](#) [globoplay](#) [g1jogos](#) [oglobo](#) [valor](#)

Conta Globo

MENU g1 JORNAL NACIONAL BUSCAR

Produção de lixo por habitante aumenta no Brasil

Segundo a Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente, a Região Sudeste é a maior geradora de resíduos do país e também tem a maior produção por habitante. O Sul, a menor.

Por Jornal Nacional
10/12/2024 21h44 - Atualizado há 11 meses



Aumentou a quantidade de lixo produzida por habitante, no Brasil

A **Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente** divulgou um panorama sobre a produção de lixo no país. Uma das conclusões é que a geração de resíduos por habitante aumentou em um ano.

Oitenta milhões de toneladas. Essa quantidade, difícil de imaginar, é o total de lixo produzido no **Brasil** em 2023. O que dá, em média, 382 quilos de resíduos descartados por pessoa no país durante o ano. Número um pouco maior que o de 2022.

A **Região Sudeste** é a maior geradora de resíduos do país e também tem a maior produção por habitante. O Sul tem a menor. Os números constam do Panorama dos Resíduos Sólidos, levantamento feito todo ano pela Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente.

Apesar de ter aumentado, a **reciclagem** ainda tem uma participação pequena nessa destinação: 8% do total dos resíduos. A maior parte chega até a reciclagem pelas mãos de catadores informais. Só um terço do que se recicla no Brasil vem dos serviços oficiais de coletas seletivas.

"Estamos saindo de 3,5% para 8%. É um grande avanço. Isso se deve a quê? A um aumento da coleta seletiva, ao primeiro balanço de massa que a gente faz dos catadores informais e as cooperativas de catadores. Tivemos um crescimento muito grande, mas é muito pouco ainda. Os outros países, até nosso vizinho Chile, já têm 14%, 15% de reciclagem, fora outros que têm 25%, 30%", diz Pedro Maranhão, presidente da Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente.



Produção de lixo por habitante aumenta no Brasil — Foto: Jornal Nacional/ Reprodução

Tirando o que vai para reciclagem, compostagem, queima, ou o que é jogado em terrenos e na rua irregularmente, são 69,3 milhões de toneladas. Pouco mais da metade vai para aterros sanitários, que são áreas preparadas para receber e tratar o lixo. E o destino de 41% desses resíduos são os lixões, montanhas de rejeitos a céu aberto que, por lei, deveriam estar totalmente extintas até agosto de 2024. Mas ainda fazem parte do cenário urbano de três em cada dez municípios, segundo o IBGE.

"Somos o quinto no mundo em geração de resíduos. A diferença nossa para os países desenvolvidos é que 40% dos nossos resíduos ainda vão para lixão. Estamos na época medieval", afirma Pedro Maranhão.



Produção de lixo por habitante aumenta no Brasil — Foto: Jornal Nacional/ Reprodução

Os resíduos que não chegam a aterros sanitários, que não têm uma destinação correta, além de poluir os rios, contaminar o lençol freático e afetar a saúde das pessoas, também são um desperdício de oportunidade. O que polui e contamina poderia ser muito bem aproveitado.

Um exemplo: uma unidade de geração de energia elétrica. O que move os motores é gás metano liberado a partir de resíduos orgânicos. O chamado EcoParque é uma iniciativa da Companhia de Limpeza Urbana do Rio. A energia gerada abastece a própria usina, que produz adubo. E em todo o país há um potencial imenso inda jogado fora.

"Essa unidade demonstra isto: que a gente pode criar um sistema de economia circular, onde a gente produz, onde a gente consome, onde a gente gera o resíduo, reaproveita o resíduo, reinsere ele no sistema produtivo e fecha essa cadeia que a gente chama de economia circular", diz Emídio Neto, gerente do EcoParque.

NOTÍCIA 2

Lixões ainda são o principal destino dos resíduos sólidos no Brasil

De acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, todos os municípios deveriam ter dado fim aos lixões até o último mês de agosto.

Por Jornal Nacional, 28/11/2024 21h03

FONTE: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/11/28/lixoes-ainda-sao-o-principal-destino-dos-residuos-solidos-no-brasil.ghtml>



Lixões ainda são o principal destino dos resíduos sólidos no Brasil

De acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, todos os municípios deveriam ter dado fim aos lixões até o último mês de agosto.

Por Jornal Nacional
28/11/2024 21h03 · Atualizado há um ano



Um em cada três municípios brasileiros ainda usam lixões

3 em cada 10 municípios brasileiros ainda despejam resíduos em lixões, sem qualquer tipo de cuidado com o meio ambiente.

Era para essa montanha de lixo já ter desaparecido.

Mas, ao invés de sumir, ela cresceu.

De acordo com a pesquisa sobre saneamento básico do **IBGE**, três em cada dez municípios brasileiros continuam usando lixões (**31,9%**). São locais de despejo de resíduos sem nenhum tipo de controle ou tratamento, que causam diversos problemas ambientais, além de fragilizar a saúde dos moradores.

De acordo com a **Política Nacional de Resíduos Sólidos**, todos os municípios deveriam ter dado fim aos lixões até o último mês de agosto.

A situação mais crítica é na Região Norte, onde 73% dos municípios ainda têm lixões (73,8%). A pesquisa foi feita entre setembro do ano passado e março deste ano.

"Falta capacitação técnica, falta recursos financeiros, falta cobrança pelo gerenciamento de resíduos, há muita descontinuidade administrativa, falta educação ambiental", diz a professora de Gestão de Resíduos Sólidos da UERJ, Ana Ghislane Van Elk.

Apenas 28% das cidades têm aterro sanitário (28,6%), que são projetados para receber e tratar os resíduos de maneira segura e ambientalmente correta.

Esse rio, o Gávea Pequena, que corta a comunidade Mata Machado, na Zona Norte do Rio, já foi lugar de banho e de pesca, mas em mais de 80 anos não houve avanço na questão do saneamento básico e muito pouco na coleta de lixo. Esse é o retrato de grande parte do Brasil.



Lixões ainda são destinos de despejo para resíduos sólidos — Foto: Imagem: Reprodução/ TV Globo

"E tudo isso que vem acontecendo na comunidade, o poder público não vem atendendo a gente a base dos 80 anos. Nossa comunidade vem refém disso tudo.", diz Arthur Júnior, líder comunitário.

Mas houve avanço. Em 2017, 38,2% dos municípios contavam com política de saneamento básico finalizada. Em 2023, o índice foi bem maior, mais da metade dos municípios (55,9%).

E os desafios continuam.

"Se a gente quer avançar, a gente precisa ter uma política adequada, a gente precisa ter metas claras e objetivas para que a população possa acompanhar o avanço do acesso ao saneamento e cobrar o avanço do saneamento", pondera Luana Pretto, presidente executiva do Instituto Trata Brasil.

"O acesso pleno ao saneamento básico traz um futuro melhor para uma próxima geração.", complementa a especialista.

O que ainda ajuda a tornar o quadro menos grave em 60,5% dos municípios com algum serviço em manejo de resíduos sólidos são as coletas seletivas.

Em muitos casos, elas são feitas por cidadãos como o Rodrigo, que tira o seu sustento daqui.

"Ajudo a limpar a comunidade fazendo coleta, retirando a reciclagem para poder fazer o bem ao meio ambiente e à comunidade, e acho que se cada um fizer um pouquinho, é essencial", diz o reciclador Rodrigo Nunes.

NOTÍCIA 3

Reciclagem no Brasil: oportunidade bilionária que estamos enterrando

Reciclar não é só um dever moral, também pode ser um excelente negócio. Quem entender isso primeiro, vai colher os frutos de um mercado que o Brasil insiste em ignorar

Por Heiko Hosomi Spitzack, Época Negócios, 05/08/2025 12h03

FONTE: <https://epocanegocios.globo.com/colunas/proposito-nos-negocios/coluna/2025/08/reciclagem-no-brasil-oportunidade-bilionaria-que-estamos-enterrando.ghtml>

globo.com g1 ge gshow globoplay oglobo todos os sites

Menu Buscar

NEGÓCIOS 100 ANOS DE GLÓRIO Propósito nos Negócios

Podcasts Colunas Revista Digital Inovadores Últimas notícias

Entrar ASSINE



Por Heiko Hosomi Spitzack

Heiko Hosomi Spitzack é diretor do Núcleo de Sustentabilidade da Fundação Dom Cabral

Reciclagem no Brasil: oportunidade bilionária que estamos enterrando

Reciclar não é só um dever moral, também pode ser um excelente negócio. Quem entender isso primeiro, vai colher os frutos de um mercado que o Brasil insiste em ignorar

Por Heiko Hosomi Spitzack

05/08/2025 12h03 - Atualizado há 4 meses



Das 81 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos que produzimos anualmente, um terço poderia ser reciclado. No entanto, reciclamos, na melhor das hipóteses, 8,3% — Foto: Unsplash

Imagine um país que joga R\$ 14 bilhões no lixo todos os anos. Aprendi numa pesquisa sobre “O Panorama de Gestão de Resíduos no Brasil”, que executamos nos últimos meses, que esse país existe e se chama Brasil.

Dos 81 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos que produzimos anualmente, um terço poderia ser reciclado. No entanto, reciclamos, na melhor das hipóteses, 8,3%. O resto? Enterrado em aterros sanitários, poluindo rios, mares, e desperdiçando recursos que poderiam — e deveriam — estar gerando empregos, reduzindo custos industriais e fortalecendo a competitividade das empresas brasileiras.

Não se trata apenas de um problema ambiental. Trata-se de um desperdício econômico monumental. Esse desperdício é causado pela lógica econômica que acompanhamos desde a indústria que usa embalagens para proteger produtos, para o comércio, os consumidores e as cidades onde eles vivem, até as cooperativas de reciclagem.

Hoje, a lógica que rege a gestão de resíduos no Brasil é perversa: o sistema resulta que é mais barato enterrar do que reciclar. Contratos públicos remuneram toneladas aterradas, não toneladas reaproveitadas. Produtos reciclados pagam a mesma carga tributária (ou às vezes até maior) do que matérias-primas virgens. E, enquanto isso, empresas gastam fortunas importando materiais que poderiam estar disponíveis aqui mesmo, aproveitando nosso lixo.

Cooperativas de catadores — responsáveis por 90% do que de fato reciclamos — trabalham em condições precárias, sem infraestrutura ou apoio financeiro. E o varejo, que poderia ser um elo estratégico na logística reversa, continua tratando a coleta seletiva como um ato de responsabilidade corporativa, não como um negócio.

Agora imagine se cada aumento de 1% na taxa de reciclagem gerasse 9.300 empregos diretos. Não é teoria: são dados concretos. Um avanço de 10% na taxa de reciclagem poderia criar quase 100 mil novos empregos e reduzir custos industriais com matérias-primas.

A nossa mensagem para executivos: reciclagem é estratégia de negócios, não filantropia. Chegou a hora de romper com a ideia de que a reciclagem é um problema "do governo" ou "do consumidor". A economia circular precisa ser tratada como uma frente estratégica de negócios — com metas, investimentos e inovação.

Oportunidades reais estão à disposição para quem souber enxergá-las:

- Empresas de embalagem podem liderar o design sustentável e reduzir custos com materiais reciclados, além de melhorar sua reputação e de seus clientes.
- Indústrias podem ganhar competitividade ao adotar insumos mais baratos e reduzir sua exposição a flutuações internacionais de preço.
- Varejistas podem transformar Pontos de Entrega Voluntária em hubs de relacionamento com o consumidor consciente.
- Prefeituras podem reverter a lógica perversa de contratos que premiam o desperdício e reduzir a pressão por procurar lugares para novos aterros.

O consumidor já está pronto. Falta o mercado se ajustar. Falta liderança. A pergunta é: você vai liderar a transformação ou continuar assistindo bilhões sendo enterrados? Reciclar não é só um dever moral, também pode ser um excelente negócio. Quem entender isso primeiro, vai colher os frutos de um mercado que o Brasil insiste em ignorar.

NOTÍCIA 4

Quais os desafios da reciclagem no Brasil?

Brasil recicla apenas cerca de 3% dos resíduos que produz

Bárbara Therrie, Colaboração para Ecoa, em São Paulo, 09/11/2024 05h30

FONTE: <https://www.uol.com.br/ecoa/faq/desafios-da-reciclagem-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>

ECO A UOL

UOL Jogos

Brasil dos Privilegios

Canal UOL

Colunas

SAC EMAIL ENTRE

ASSINE UOL

FAQ

Quais os desafios da reciclagem no Brasil?



Brasil recicla apenas cerca de 3% dos resíduos que produz
Imagem: Alberto Rocha - 24.ago.18/Folhapress

Bárbara Therrie
Colaboração para Ecoa, em São Paulo
09/11/2024 05h30

Em 2022, o Brasil recolheu cerca de 63,8 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos. Desse total, reciclou, a partir da coleta seletiva municipal, apenas 1,87 milhão de toneladas, o que equivale a menos de 3%, segundo dados publicados no Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), do Ministério das Cidades.

Atualmente as latas de alumínio e garrafas PET são os itens mais reciclados no país. Mas a taxa geral de reciclagem permanece baixa, o que aponta para alguns desafios, como a pouca demanda do mercado e a falta de infraestrutura, entre outros.

De acordo com a legislação brasileira, a hierarquia de resíduos possui a seguinte ordem de prioridade: não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos.

"A reciclagem sozinha não irá solucionar a crise que o Brasil enfrenta em relação aos resíduos, e nem deveria ser considerada a maior prioridade. Quando a responsabilidade é transferida para os municípios resolverem a gestão de resíduos através da reciclagem, a conta não fecha", avalia Rafael Eudes, engenheiro químico e membro do comitê gestor da Aliança Resíduo Zero Brasil.

Conheça as principais dificuldades da reciclagem em nosso país:

Pouco conhecimento da população

Muitas vezes, não é possível determinar se um item é reciclável. Cada material tem um potencial diferente de reciclagem e aqui não estamos falando apenas de vidro, metal, papel e plástico, mas também nos diferentes tipos de metais (alumínio, metais ferrosos) e diferentes tipos de plásticos (polietileno, polipropileno, policloreto de vinila, poliestireno, PET) — para citar os mais importantes.

Diante dessa complexidade, grande parte dos consumidores desiste de tentar entender a reciclagem e de que forma poderia contribuir.

"Não vejo como maior problema a falta de informação, mas a falta de confiança no setor público que cuida do assunto", diz Bettina Susanne Hoffmann, professora das disciplinas Avaliação de Ciclo de Vida e Gestão da Inovação em Polímeros, na Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

"O consumidor não precisa necessariamente saber se um item é reciclável ou não. Mas, para que um indivíduo se dê ao trabalho de separar e limpar o que enxerga como potencialmente reciclável, ele tem que confiar que esse esforço valerá a pena, ou seja, que uma pessoa qualificada receberá o resíduo, julgará se há viabilidade técnica e econômica para reciclagem e encaminhará de acordo para comerciantes de materiais recicláveis ou para um aterro sanitário", completa Hoffmann.

Para a docente, investir em informação e educação é importante para aumentar as taxas de reciclagem até certo ponto, mas, para chegar a níveis mais altos da prática, são necessárias mudanças mais profundas de gestão, tecnologias e materiais utilizados.

De acordo com o engenheiro químico Rafael Eudes, mesmo que a população tenha conhecimento sobre reciclagem, a ausência de coleta seletiva e de pontos de coleta voluntária e o formato das embalagens são outros pontos que dificultam o processo.

"Muitos produtos já saem da fábrica com design que não incentiva o aproveitamento do material reciclado, e as empresas não são responsabilizadas por isso através de uma legislação robusta", diz ele.

O Brasil tem infraestrutura adequada para reciclar?

O Brasil é um país com dimensões continentais e diferenças regionais significativas, o que dificulta fazer essa afirmação para o país como um todo.

As grandes regiões metropolitanas do Sudeste, mais ricas e com maior densidade populacional, possuem infraestrutura aceitável para reciclagem. São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, tem infraestrutura para reciclar vidro, alumínio, garrafa PET e outros plásticos.

Já as áreas mais remotas do Norte e Nordeste não possuem nenhuma infraestrutura neste sentido, fazendo com que a população não tenha como destinar seus resíduos da forma adequada.

Custo da logística reversa

A logística reversa viabiliza a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou destinação final ambientalmente adequada.

Porém, a reciclagem só tem viabilidade econômica quando realizada em grande escala e reciclar materiais em áreas remotas não é viável para a indústria por falta de praticabilidade da logística reversa.

"Não se paga para trazer garrafas PET do interior de Minas Gerais para um grande centro urbano/industrial onde as indústrias de reciclagem operam. Enquanto não houver subsídios para viabilizar essa logística, regiões de baixa densidade populacional ficarão de fora das cadeias de reciclagem", afirma a professora Hoffmann, da UFRJ.

Para entender os desafios atuais, é necessário compreender o histórico de logística do Brasil e do mundo. Desde a década de 50, a economia era baseada em embalagens retornáveis. Isso significava que as empresas eram responsáveis por fazer a logística reversa de suas próprias embalagens, elas eram separadas, coletadas, higienizadas para, em seguida, serem reutilizadas.

Com a diversificação dos produtos e após o aumento da produção de embalagens de plástico de uso único, a responsabilidade e os custos da logística foram transferidas das empresas para os municípios, que ficaram sobrecarregados.

"Relatórios apontam que empresas como a Coca-Cola sabiam desde a década de 70 que a embalagem mais ambientalmente adequada é a de vidro retornável. No entanto, a indústria do plástico moveu sua economia para embalagens de plástico descartáveis para reduzir os seus próprios custos de logística, criando um enorme desafio para os municípios", comenta Rafael Eudes, membro do comitê gestor da Aliança Resíduo Zero Brasil.

Recuperação de materiais de forma pura

A recuperação de materiais de forma pura é um problema que acontece especialmente com os plásticos devido à diversidade de tipos, cores, pelo fato de perderem a qualidade quando são reciclados e receberem a adição de substâncias químicas, às vezes tóxicas.

Geralmente os plásticos são utilizados em misturas, como as embalagens multicamadas feitas de diferentes tipos de plástico em combinação com alumínio. É o caso das embalagens de biscoito ou salgadinhos.

"A recuperação dos materiais de forma pura é tecnicamente possível, porém, economicamente inviável. Na reciclagem desses produtos é produzido um compósito que mistura os diferentes materiais e ele não pode mais ser aplicado na mesma função. Ou seja, esse plástico não poderá ser reaproveitado como plástico em embalagens, mas como mistura plástico/alumínio", explica a professora Hoffmann.

Para esses casos, há empresas que produzem telhas a partir de embalagens usadas. Esse processo pode ser chamado de "downcycling" (em vez de "recycling"), uma vez que o produto tem qualidade e preço inferiores que o material original, e, ao fim não sua vida, não tem potencial de reciclagem.

De acordo Rafael Eudes, a solução para os plásticos está no começo da cadeia através do banimento dos materiais não essenciais, a implementação de novos negócios de reuso e, por último, a reciclagem dos materiais restantes. Uma pesquisa da Fundação Ellen MacArthur sinaliza para a geração de negócios da ordem de 10 bilhões de dólares envolvendo a substituição de 20% das embalagens plásticas de uso único para reutilizáveis.

O descarte incorreto dos materiais é prejudicial?

Sim, o vazamento de resíduos no meio ambiente pode causar diversos impactos como poluição, perda de biodiversidade e mudança do clima. Um estudo recente da Sea Shepherd, organização sediada nos EUA que luta pela preservação da vida marinha, identificou que todas as praias brasileiras estão poluídas por plástico, que correspondem a 91% dos resíduos encontrados nelas.

Descartar produtos recicláveis junto com resíduos orgânicos em lixeiras também pode levar à contaminação de materiais através de gorduras e líquidos que atrapalhar o trabalho de quem realiza a triagem e muitas vezes inviabiliza o seu reaproveitamento. A contaminação de papelão com óleo pode impedir a reciclagem do papelão, por exemplo.

O lixo reciclável deve estar relativamente limpo e seco (retirar restos de alimentos e esvaziar líquidos) para evitar a atração de vetores como ratos e baratas no local de armazenamento e triagem. Para fazer a coleta seletiva, basta separar o lixo em duas frações: reciclável e não reciclável. Os resíduos recicláveis são encaminhados para cooperativas onde pessoas treinadas fazem a separação em grande número de frações: plásticos, vidros, metais, papel e papelão, conforme seus respectivos subgrupos. Após a triagem, o material é armazenado para acumular uma quantidade suficiente para comercialização.

Quais os impactos da reciclagem na economia?

Atualmente temos uma economia extremamente dependente da extração de matéria-prima virgem, gerando uma falta de incentivo na reinserção de materiais na cadeia de produção. Quanto mais reciclamos, menos precisamos de material virgem, porém, se pegarmos como exemplo o papel, papelão e plástico, o preço da matéria-prima virgem é mais barato que o material reciclável.

"Enquanto sociedade, podemos afirmar que a falta de reciclagem implica em perdas econômicas. Quando colocamos um raio mais restrito, existem grandes empresas que são ligadas ao setor petroquímico e de produção de plásticos. Uma substituição significativa de plásticos virgem por plásticos reciclados significaria uma perda econômica para essas companhias. A resistência por parte do setor petroquímico para reduzir a produção e aumentar a reciclabilidade de plásticos é perceptível e problemática, considerando a crise e a poluição desses materiais", diz a professora Hoffmann.

Existem legislação e políticas públicas relacionadas à reciclagem no país?

Sim, no Brasil as iniciativas legislativas mais importantes são o decreto nº 11.413, de 13 de fevereiro de 2023; e o decreto nº 11.414, de 13 de fevereiro de 2023, que instituem o Certificado de Crédito de Reciclagem de Logística Reversa, o Certificado de Estruturação e Reciclagem de Embalagens em Geral e o Certificado de Crédito de Massa Futura, tal como o Programa Diogo de Sant'Ana Pró-Catadoras e Pró-Catadores para a Reciclagem Popular e o Comitê Interministerial para Inclusão Socioeconômica de Catadoras e Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis.

O que falta no Brasil e que já acontece em outros lugares, como na União Europeia, é a obrigatoriedade em utilizar material reciclável (recycled content, em inglês). Atualmente está em pauta na ONU um tratado mundial sobre a poluição por plásticos. A próxima rodada de negociação ocorrerá em novembro, na Coreia do Sul.